

Imaginário e fotojornalismo em Gaúchazh: como a relação dos indivíduos com os espaços se modifica no contexto pandêmico

Imaginary and photojournalism in Gaúchazh: how the relationship of individuals with spaces changes in the pandemic context

Michele Negrini¹ | Bibiana de Moraes Dias²

Resumo

A pandemia do novo coronavírus, o COVID-19, é um tema que tem pautado, de forma intensa, os meios de comunicação na atualidade. Desta forma, o objetivo deste artigo é analisar a fotorreportagem “O impacto do coronavírus na rotina do RS”, publicada no GaúchaZH, a fim de entender, através da imprensa brasileira, como se dá a relação simbólica entre os indivíduos e os espaços em tempos de pandemia e isolamento social. Realizamos uma pesquisa exploratória, com método observacional (GIL, 2008). Para fins de análise, inicialmente dispensamos olhares para perspectivas históricas do portal e, posteriormente, foi feita uma observação do avançar do isolamento através de cinco fotografias selecionadas da publicação em questão. Tomamos como base para reflexões a teoria do imaginário.

Palavras-chave: Coronavírus. Imaginário. Fotorreportagem. GaúchaZH

Abstract

The pandemic of the new coronavirus, COVID-19, is a topic that has been intensely influenced the media today. Thus, the objective of this article is to analyze the photo report “The impact of coronavirus in the routine of RS”, published in GaúchaZH, in order to understand, through the Brazilian press, how the symbolic relationship between individuals and spaces takes place in pandemic times and social isolation. We conducted an exploratory research, using an observational method (GIL, 2008). For analysis purposes, we initially did not look at the portal's historical perspectives and, after, an analysis of the progress of isolation was made through five selected photographs of the publication in question. We take as a basis for reflections the theory of the imaginary.

Keywords: Coronavirus. Imaginary. Photo Report. GaúchaZH

-
1. Jornalista. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTe). Email: mmnegrini@yahoo.com.br
 2. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas; pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela UNIDERP; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Email: bibianamdias@gmail.com

Perspectivas Introdutórias

Desde o final de 2019, um assunto bastante comentado e temido pelo mundo é o novo coronavírus³, que causa a doença conhecida como Covid-19. O primeiro caso do novo vírus foi identificado na cidade de Wuhan, na China. O site do Ministério da Saúde brasileiro traz explicações sobre a doença: “Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19)” (BRASIL, 2020).

O portal G1⁴ assinala que a OMS propagou o primeiro alerta, em 31 de dezembro de 2019, sobre a existência de doença, relacionada à pneumonia, na cidade chinesa. O veículo de comunicação ainda destaca que depois da identificação do vírus, foram realizadas algumas medidas preventivas, como isolamento e realização de exames, buscando a identificação da origem da doença.

No Brasil, de acordo com Rafael Alves (2020), em reportagem para o Jornal Estado de Minas⁵, a confirmação do primeiro caso de coronavírus, feita pelo Ministério da Saúde, se deu em 26 de fevereiro de 2020. A reportagem ainda fala que a primeira morte no país se deu em 17 de março daquele ano. Matéria do G1⁶, com título “Casos de coronavírus no Brasil em 9 de abril”, relata que na data mencionada no título, até cerca das 16h, foram contabilizados 16635 infectados em todos os estados e que 851 pessoas faleceram vítimas do vírus. E, no dia 13 de agosto de 2020, também de acordo com matéria do G1⁷, o Brasil somou 104.528 mortes e 3180758 casos de diagnósticos de Covid-19. O Brasil fechou o ano de 2021, de acordo com reportagem do G1⁸, com 619.109 mil mortes. Já em 6 de fevereiro de 2022, o número total de mortes no país era de 632.289, também de acordo com matéria do G1⁹.

A partir da rápida e grande propagação do vírus em nível mundial e da ampla disseminação no território brasileiro, veículos de comunicação passaram a ser pautados pela divulgação de vários pontos referentes ao assunto, como prevenção, sintomas, propagação e risco de morte. E o jornalismo passou a ser um espaço valorizado para a

3 De acordo com o site da Organização Pan-americana da Saúde - OPAS: “Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19” (OPAS, 2020).

4 (CRONOLOGIA..., 2020).

5 Tudo sobre o coronavírus - Covid-19: da origem à chegada ao Brasil. (ALVES, 2020).

6 (CASOS..., 2020).

7 (BRASIL..., 2020).

8 (BRASIL..., 2021).

9 (BRASIL..., 2022).

obtenção de dados referentes à pandemia mundial. As atividades cotidianas em muitos setores foram reconfiguradas e as necessidades de isolamento social trouxeram modificações nas formas de ocupações dos espaços de mobilidade. Nesta seara de realização de uma extensa cobertura a temas relacionados ao coronavírus, cabe incluir o portal GaúchaZH¹⁰, que é ligado ao grupo RBS.

No dia 18 de março de 2020, o GaúchaZH fez uma publicação¹¹ com o título: “Fotorreportagem: o impacto do coronavírus na rotina do RS”. A publicação trazia a seguinte linha de apoio: “Esvaziamento de espaços públicos, profissionais trabalhando em casa, escolas e universidades paralisadas. Semana a semana, veja imagens dos efeitos sociais da pandemia no Estado”. A reportagem, que foi tendo atualizações depois de disponibilizada no site, teve um texto escrito introdutório mencionando que a equipe da editoria de imagem de GaúchaZH, desde que houve a confirmação do primeiro caso da covid-19 no Rio Grande do Sul, se mobilizou para mostrar em imagens o impacto da doença na rotina das pessoas que moram no Estado.

A fotorreportagem foi organizada com uma distribuição em semanas, trazendo a indicação: “Clique nas imagens abaixo para acessar as galerias de cada semana”. Em cada semana, é mostrada uma galeria de imagens relativas ao contexto do momento em terras gaúchas. É perceptível uma alteração no teor de cada conjunto de imagens, de acordo com a semana em que elas foram capturadas, teor que se relaciona diretamente com as situações vividas em relação à pandemia e como esta estava evoluindo. Cabe destacar que, no decorrer das semanas em que a cobertura foi feita, há uma modificação gradual na forma de vivência e ocupação dos espaços, fruto do isolamento social. A partir das mudanças no âmbito de ocupação dos espaços por parte das pessoas e da retratação destas transformações, este artigo tem como foco fazer uma abordagem, resultado de uma pesquisa de caráter observacional (GIL, 2008), focada em desvelar como se dá a relação simbólica entre os indivíduos e os espaços. Cabe destacar que é uma pesquisa de caráter inicial, que tem a observação como foco.

As imagens simbólicas

Em meio a uma doença que assola todo o território mundial, muitos sentidos são criados e, a partir da perspectiva em que nos colocamos neste artigo, as imagens que se manifestam em seu decorrer traduzem não apenas o visível e o sensível, mas são carregadas de poder simbólico. Entendemos aqui as imagens não apenas como substitutas de algo dado ou como alegorias. Para além disso, pretendemos trabalhar com um terceiro grau das imagens, aquelas consideradas “imagens simbólicas” (DURAND, 1995).

10 GauchaZH é uma plataforma digital que uniu os conteúdos publicados em Zero Hora com os da Rádio Gaúcha.

Entrou no ar em uma quinta, dia 21 de setembro de 2017. (GAUCHAZH..., 2017).

11 (FOTORREPORTAGEM..., 2020).

As imagens simbólicas não são simplesmente substitutas de um significado concreto ou presente, são antes de fato aquilo que querem dizer, como elucida Durand (1995, p. 11) ao falar do simbolismo e daquilo que ele domina: “[o] inconsciente, metafísico, sobrenatural e surreal”, as “coisas ausentes ou impossíveis de perceber”. Este seria o campo de domínio do simbolismo Durandiano.

Mas é importante ressaltar: não se tratam, por isso, de falácias ou invenções da mente. Muito ao contrário, são imagens que estão além do visível e perceptível. Assim, é possível encontrar nas imagens muito mais do que simples representações, mas apresentações de um sentido mais profundo, muitas vezes de um arquétipo do inconsciente coletivo, que segundo Jung (2013, p. 15) seria:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo.

Os arquétipos se manifestam através do que denominamos imagem simbólica, são reconhecíveis por nós pois estão presentes em nós mesmos, no que Jung (2013) chama de inconsciente coletivo, é assim que o simbólico se manifesta em nós e é parte do ser humano, fazendo jus à denominação do ser humano como animal simbólico (CASSIRER, 1994).

Fotorreportagem em GaúchaZH

Os textos imagéticos são impregnados de sentidos e de pontos relevantes para que sejam dispensados olhares de um analista. Sabemos que tais textos são cheios de complexidade em sua tessitura, e que são fundamentais quando se fala no jornalismo contemporâneo. O jornalismo, em suas diferentes formas de apresentação em diferentes meios, tem a imagem como suporte primordial aos textos verbalizados ou escritos, no caso do fotojornalismo, a imagem deixa de ser personagem secundária ou de servir de apoio ao texto escrito, para tornar-se personagem de destaque da transmissão de informação e da comunicação.

Em relação ao jornalismo on-line, a apresentação de fotorreportagens é uma estratégia que pode dar dinamismo à transmissão de informações. Salles (2018) define fotorreportagens de forma bastante simples, dizendo que elas são ensaios fotográficos

divulgados nos meios de comunicação. Ao refletir sobre fotorreportagem, Agostinetti (2010) aponta que é um gênero jornalístico que não tem definições solidificadas. “Ela nasce na Alemanha na década de 1920 e se expande pelo mundo com a ascensão do regime nazista, em 1933” (AGOSTINETI, 2010, p. 1). O autor diz ainda que uma primeira noção de fotorreportagem remete a um conjunto de várias fotos que são publicadas de forma articulada com textos, ajudando a criar uma sensação de movimento no momento da leitura por parte do público.

Garcia (2014, p. 260) acrescenta: “Fotorreportagem é uma atividade que se inclui num campo mais amplo, denominado fotojornalismo. Em sentido lato, o fotojornalismo é um gênero jornalístico em que a fotografia desempenha um papel fundamental na produção da informação”. A partir do pensamento de Garcia, cabe inferir que fotorreportagem é um conjunto de fotografias que, junto com texto escrito, produzem sentidos sobre determinado assunto.

No olhar de Camargo (2008, p. 40), pode ser considerada uma fotorreportagem um discurso sincrético, formado por elementos como imagens fotográficas, pelo layout da página, títulos, matérias e legendas. Ele acrescenta que a diagramação é um fator que faz a amarração entre os sentidos que se apresentam de forma isolada nos diversos textos presentes. Flusser (2011, p. 20) se propõe a resumir, de forma quase poética, o gesto de fotografar:

É gesto caçador no qual aparelho e fotógrafo se confundem, para formar unidade funcional inseparável. O propósito desse gesto unificado é produzir fotografias, isto é, superfícies nas quais se realizam simbolicamente cenas. Estas significam conceitos programados na memória do fotógrafo e do aparelho. A realização se dá graças a um jogo de permutação entre os conceitos, e graças a uma automática transcodificação de tais conceitos permutados em imagens. A estrutura do gesto é quântica: série de hesitações e decisões claras e distintas. Tais hesitações e decisões são saltos de pontos de vista para pontos de vista. O motivo do fotógrafo, em tudo isto, é realizar cenas jamais vistas, “informativas”.

Acima, Flusser fala não apenas da técnica fotográfica e do ato de fotografar, mas, antes disso, de tudo aquilo que tal ato envolve. O “gesto caçador” não fala apenas do gesto de empunhar a câmera e apontá-la mecanicamente para o alvo, mas de uma “série de hesitações e decisões claras e distintas” (FLUSSER, 2011, p. 20).

Na reportagem fotográfica do GaúchaZH em análise, foi possível visualizar um conjunto de elementos que se concatenaram para a produção de sentidos. Primeiro visua-

visualizamos um título, uma linha de apoio e uma introdução ao que vai ser apresentado, depois, há uma publicação de uma galeria de fotos por semana, que pode ser enquadrada no contexto apresentado na introdução. E cada foto possui legenda, que é disponibilizada para dar apoio ao contexto apresentado e para situar o espectador em relação à imagem que está sendo visualizada. As palavras de Camargo (2005, p. 13) podem ser significativas para ajudar a dar respaldo para a análise da reportagem que está sendo estudada neste artigo: “A fotorreportagem é fruto da conjunção dos olhares de diversos agentes: o editor, o fotógrafo, o repórter, o diagramador e o próprio leitor”. O autor ainda enfoca que na fotorreportagem, as imagens realizam a perspectiva de narração de um fato e tem que mostrar a verdade, a realidade. “A fotorreportagem conota realidade, constrói a notícia, seduz e traz uma nova narrativa para o leitor” (CAMARGO, 2005, p. 370). Ora, no presente trabalho pretendemos entender não apenas a realidade e a verdade trazidas pela fotorreportagem em questão, mas mergulhar em seus sentidos a fim de compreendê-la, na integridade, em nível do simbólico.

Em relação ao GaúchaZH, a produção de fotorreportagens pode ser considerada uma marca do veículo. Cabe apontar: “Fotorreportagem: a vitória do Inter na Libertadores em 10 imagens”, publicada em 3 de março de 2020; “Fotorreportagem: em 10 imagens a vitória do Grêmio em Cali, pela Libertadores”, publicada em 4 de março de 2020 – as duas falando dos dois principais times de futebol do Rio Grande do Sul. E cabe destacar ainda a fotorreportagem que estamos analisando sobre o coronavírus.

Como já supracitado, a fotorreportagem em questão se mostrou ideal para a análise que propusemos aqui, pois se estendeu durante diversas semanas, de maneira que é possível perceber uma diferenciação entre cada uma delas, e como se deu a percepção da esfera popular em relação ao que está acontecendo na sociedade (mais especificamente a do Rio Grande do Sul) durante a evolução da pandemia e a duração da quarentena no estado.

Espaço

É possível perceber de imediato ao observar a situação que vivemos, que a utilização dos espaços em um contexto pandêmico e de isolamento social se modifica a todo o momento e nos faz refletir e repensar a utilização destes, seja por livre vontade, seja por imposição do governo.

É possível observar através das fotos que compõem a fotorreportagem em questão que os espaços públicos estão sendo vivenciados e configurados de formas muito diferentes das usuais. Assim, nos dedicaremos a debater, tendo a fotorreportagem de GaúchaZH como

base e através das fotos selecionadas, como a gradual modificação de vivência dos espaços durante a pandemia impacta, no nível do simbólico e de diferentes formas, a vida dos indivíduos.

E ainda, tal mudança não acontece somente nos espaços públicos, registrados na fotorreportagem, mas as medidas de isolamento social implicam também na alteração da relação das pessoas com suas próprias residências e famílias, pois passam a estar muito mais tempo presentes em suas casas e convivendo com aqueles com quem compartilham o lar. O home office, por exemplo, medida adotada por diversas empresas, proporciona ainda uma modificação da utilização da residência; se antes tínhamos um espaço destinado ao trabalho, em que nos deslocávamos até ele todos os dias, agora com o home office, o espaço de trabalho se confunde e se mescla com o espaço do lazer e do descanso que a casa antes representava, ressignificando a utilização deste espaço e fazendo com que se reformulem as relações tanto do sujeito com a casa, quanto entre os sujeitos que a habitam.

A casa no contexto de afastamento social que vivenciamos, se mostra como um espaço ainda mais presente na vida daqueles que vivem este afastamento, passando a ser palco de atividades que, muitas vezes, eram feitas fora dela, seja do trabalho como falamos acima, das atividades físicas, do lazer, do estudo e de tantas outras tarefas. Gaston Bachelard (2000), ao escrever a *Poética do Espaço*, tem a casa como um dos pontos centrais de seu texto. A casa como ambiente de abrigo, acalentador, “germe da felicidade central, seguro e imediato” (BACHELARD, 2000, p. 199).

Outros espaços também acabam por entrar nesse contexto e têm suas vivências completamente modificadas em função disso também, assim como a casa. É o caso de outros ambientes que são também espaços de grande interação e muito presentes na vida dos indivíduos, como o trabalho e a escola, por exemplo. Com o avançar da pandemia e a implementação do isolamento social, esses espaços são esvaziados e os sujeitos que os vivenciavam, muitas vezes, de forma intensa e muito significativa para si mesmos, ficam órfãos de tal vivência.

Acontece então que quando a casa se torna única opção, ambiente do isolamento, e perdemos a “dialética do exterior e do interior” (BACHELARD, 2000), a vivência e a percepção dos espaços se modifica grandemente, como falamos acima. Procuramos, então, através desta pesquisa, entender de que forma os espaços aparecem nas fotografias em tempos de que o interior de nossas casas se apresenta como um dos poucos, se não o único, lugar seguro e acolhedor na luta contra o vírus.

A fim de realizar tal análise, selecionamos como corpus desta pesquisa 1 foto de cada semana, das semanas de 1 a 5, que retratam a utilização dos espaços de diferentes formas no contexto da pandemia. É importante ressaltar dois pontos muito relevantes à compreensão de nossa análise antes de a iniciarmos: o primeiro é que ao longo desta

pesquisa nos detivemos aos sentidos da fotorreportagem como um todo e a utilizamos para fins de compreensão do cenário vivenciado durante a pandemia; o segundo é que, como não poderia deixar de ser, as fotografias não serão analisadas isoladamente ou independentemente, mas sim como interligadas e integrantes de uma narrativa, que é a fotorreportagem como um todo. Assim, nos dedicamos a uma única análise que incorpora as cinco fotografias selecionadas e que buscará refletir sobre os efeitos da pandemia e do isolamento social na relação simbólica dos indivíduos com os espaços.

Perspectivas Analíticas

A conscientização acerca do coronavírus no Rio Grande do Sul e de seus possíveis riscos à comunidade não se deu de maneira repentina, mas sim, tanto a tomada de consciência quanto as medidas de isolamento social foram evoluindo com o passar das semanas e com o surgimento de casos no estado. Observando a fotorreportagem, é possível notar de maneira clara a evolução do isolamento social e o impacto dele nos diferentes espaços, assim, escolhemos as fotos tendo como critério aquelas que mais falassem sobre a vivência destes espaços e a modificação deles por conta do coronavírus e de tudo que ele implica.

Logo no início da fotorreportagem, na primeira semana de março, percebemos os espaços exteriores vivenciados ainda de forma muito semelhante à usual, dando destaque apenas a hábitos de higiene e cuidados gerais, mas sem medidas restritivas ou mais severas em relação à proteção contra o novo vírus. Como podemos ver na foto capturada por André Ávila, nesta primeira semana, crianças permaneciam com aulas normalmente e vivenciando o espaço escolar, com proximidade física, recebendo apenas orientações sobre higiene das mãos. Nada aparentemente havia se modificado em relação aos espaços de convívio até tal momento, afinal os hábitos de higiene já costumam ser reforçados quando os dias mais frios se aproximam, principalmente no início do inverno no sul do país, quando se agravam os casos de doenças respiratórias e virais¹².

A escola, ambiente da foto abaixo, é uma instituição onde as crianças passam uma grande parte dos seus dias, convivendo umas com as outras, desenvolvendo habilidades e vivenciando emoções diversas. A escola acolhe e abriga, é palco do desenvolvimento da criança e, por isso, parte essencial de sua formação como indivíduo. Sabemos que o ser humano contemporâneo passa muito tempo em ambientes tal como a escola, a igreja e o trabalho, e estas são instituições sociais básicas que atuam fortemente na formação dos indivíduos. Bachelard (2000, p. 200) fala que: “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa.” No documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais das escolas brasileiras, o compromisso e a

12 De acordo com notícia publicada no portal do Hospital do Coração. (HCOR, 2021).

Figura 1- imagem publicada em 3 de março (primeira semana exposta na fotorreportagem).
Figure 1- image published on March 3 (first week exposed in the photo report).



crianças da Educação Infantil do Colégio Farroupilha participam de oficinas sobre higiene das mãos, contra o coronavírus
André Avila / Agência RBS

Fonte: Dados da pesquisa.

responsabilidade dos educadores e do espaço escolar com a formação das crianças e conseqüentemente do povo brasileiro é reafirmado: “Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao reconhecerem a complexidade da prática educativa, buscam auxiliar o professor na sua tarefa de assumir, como profissional, o lugar que lhe cabe pela responsabilidade e importância no processo de formação do povobrasileiro”. (BRASIL, 1997, grifo nosso).

A tais instituições são somados também os espaços públicos de lazer e de convívio, que são amplamente frequentados e vividos. Entendemos, dessa forma, que a vivência diária e conjunta dos espaços coletivos, a partir do momento que toca de fato o ser e passa a ser parte de sua vida de maneira significativa, também pode, em parte dos casos, manifestar a imagem da casa, de um lugar acolhedor e de intimidade. No entanto, não é a comprovação de tal afirmação que buscamos nos ater na presente pesquisa, partindo do pressuposto de que esta não necessita ser comprovada, visto que os símbolos e as imagens se manifestam de diferentes formas a variar o contexto.

Assim, logo neste início, já é necessário que apresentemos a ideia de que a casa simbólica, assim como qualquer outra manifestação simbólica, pode se dar em relação a qualquer espaço, não devemos vincular o símbolo da casa de qual Bachelard (2000) fala, com a casa propriamente dita. A casa física, nossa

residência, pode ou não ser palco da manifestação da casa simbólica, assim como esta segunda pode se manifestar em outros espaços.

Com o passar do tempo, já na segunda semana de reportagem, é possível observar que a preocupação quanto à transmissão do coronavírus e a presença dele no estado já havia aumentado. A foto selecionada, também do fotógrafo André Ávila, mostra as pessoas ainda aglomeradas e próximas em locais públicos, mas já retrata a apreensão em relação à pandemia. Todos os presentes na foto, que foi capturada em uma feira calçadista, utilizam máscaras de proteção.

Figura 2- imagem publicada em 10 de março (segunda semana exposta na fotorreportagem).

Figure 2- image published on March 10 (second week exposed in the photo report).



Temor com o avanço da doença era visível na feira calçadista

André Ávila / Agência RBS

Fonte: Dados da pesquisa.

Os lugares, como observamos na fotografia, permanecem sendo ocupados por muitas pessoas ao mesmo tempo, sem nenhum tipo de restrição física, no entanto, o comportamento das pessoas em relação ao lugar já se mostra diferente. Se antes provavelmente estariam confortáveis e despreocupadas com o lugar, apenas mantendo a atenção nas exposições da feira calçadista, agora estão mais arredias e tentando se proteger. O mesmo lugar por mais que até o momento ainda em funcionamento e sem restrições, passa a ser vivenciado já de uma forma diferente pelos indivíduos que o frequentam.

Ao passar para a terceira semana, é possível observar as grandes mudanças que acontecem nos espaços exteriores. Na foto de Isadora Neumann vemos a entrada de uma cidade de praia, Capão da Canoa, sendo bloqueada por uma contenção de pedras e cones de sinalização, só poderiam entrar na cidade aqueles que comprovassem que nela residiam, a fim de evitar aglomerações nos espaços públicos e de lazer, como as praias.

Figura 3- imagem publicada em 20 de março (terceira semana exposta na fotorreportagem).
Figure 3- image published on March 20 (third week exposed in the photo report)



Prefeitura de Capão da Canoa, no Litoral, fechou acessos ao município para restringir circulação de pessoas
Isadora Neumann / Agencia RBS

Fonte: Dados da pesquisa.

Acredita-se que tal atitude, apesar de essencial ao afastamento social e ao contexto pandêmico, afeta muito os sujeitos em relação à forma como percebem e lidam com os espaços, acontece, de certa forma, uma interrupção no que antes era natural e corriqueiro. Os espaços públicos passam a ser bloqueados e interditados, empresas passam a optar, quando possível, pelo trabalho remoto, e o indivíduo tem o espaço interior, o da sua residência, como única possibilidade. Com tais modificações na forma como vivemos e lidamos com os espaços à nossa volta, nossa própria casa passa a ser o único lugar onde, de fato, estamos seguros e protegidos contra o vírus.

Cabe ainda salientar que se antes os lugares públicos de lazer e as instituições sociais eram, muitas vezes, sentidos como casa para muitas pessoas, pois abrigavam e acolhiam, eram vividos e habitados pelos grupos e, desta forma, carregavam a essência da noção de casa (BACHELARD, 2000). De certa forma, isso sofre uma ruptura, pois não se

pode mais vivenciar o lugar fisicamente, a ligação da presença física é cortada de maneira dura e repentina, restando presente apenas nos sonhos e devaneios “Fique em casa, por favor” é a mensagem que vem da janela do apartamento retratado na foto selecionada de André Ávila, na quarta semana de fotorreportagem. A conscientização de que ficar em casa, e só sair em casos de extrema necessidade, é a única forma de conter o avanço de contágio pelo coronavírus já foi absorvida pela maior parte da população, que agora faz coro à essa necessidade, respeitando o distanciamento social.

Figura 4- imagem publicada em 23 de março (quarta semana exposta na fotorreportagem).
Figure 4- image published on March 23 (fourth week exposed in the photo report)



O recado que vem das janelas é claro

ANDRÉ ÁVILA / Agência RBS

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao falar sobre a casa, Bachelard (2000, p. 201) pondera que: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano”.

É claro que, como em toda a chamada obra noturna do autor, não devemos entender a “casa” a que ele se refere como simplesmente a construção em que reside uma família, mas sim a casa como símbolo de intimidade, tradutor de aspectos intrínsecos em nosso imaginário, presente no que Durand (2012) vai chamar de regime místico das imagens. A casa simbólica vai se ligar ao berço e ao ventre, lugar onde éramos protegidos completamente e vivenciávamos a intimidade e o aconchego em seus níveis mais primordiais. No entanto ressaltamos que não é para todos, claro, que a casa propriamente

dita irá se associar à casa simbólica que nos referimos acima.

Caberia, se nos deixássemos pender para o entendimento do simbólico de uma forma superficial, perguntarmo-nos, no intuito de compreender o social, onde estão os símbolos de intimidade e de aconchego para aqueles que vivem ou se encontram em situação de rua, como mostra a fotografia de Mateus Bruxel, na quinta semana de reportagem.

Como já supracitamos algumas vezes, não é necessária a casa em si para que a casa simbólica seja manifestada ou mesmo entendida. A casa simbólica é ainda mais do que isso, é reflexo de quem nós somos, e então dessa forma sim, o entendimento do que é casa poderia falar algo sobre essas pessoas que falamos no parágrafo anterior, como Durand (2012, p. 243) fala:

A casa constitui, portanto, entre o microcosmo do corpo humano e o cosmo, um microcosmo secundário, um meio-termo cuja configuração iconográfica é, por isso mesmo, muito importante no diagnóstico psicológico e psicossocial. Pode-se dizer: “Diz-me que casa imaginas e dir-te-ei quem és”. E as confidências sobre o hábitat são mais fáceis de fazer do que sobre o corpo ou sobre um elemento objetivamente pessoal.

Mas com base nesta fala de Durand sim, poderíamos pensar no caso social colocado acima, procurando entender como é a casa imaginada, simbólica, para quem não tem nem mesmo a casa física. A casa “[é] sempre a imagem da intimidade repousante, quer seja templo, palácio ou cabana” (DURAND, 2012, p. 244).

A fotografia mostra, como consta na legenda, um agente de saúde higienizando uma área pública de uma cidade. No entanto, à esquerda da foto vemos um morador de rua recolhendo seus pertences do espaço. “Ficar em casa” não parece uma opção viável nem fisicamente nem simbolicamente para indivíduos nesta situação.

A imagem mostrada na FIGURA 5 é dotada de significados e expõe que as transformações nas formas de se relacionar com os espaços não são visíveis a todos. E que a alguns, em contraponto ao que é pregado por autoridades de saúde, só resta a rua e não há possibilidade de se fazer o resguardo em relação à pandemia. Os que têm a rua como casa precisam ficar nela e não podem fazer o isolamento. A fotografia, neste caso, além de servir como suporte para visualização das transformações causadas pela pandemia, se mostra como um meio de apresentação de problemas que estão além do coronavírus.

Figura 5- imagem publicada em 1 de abril (quinta semana exposta na fotorreportagem).
Figure 5- image published on April 1 (fifth week exposed in the photo report)



Agentes de saúde higienizaram áreas públicas no combate ao Covid-19 no entorno do Postão do Iapi
Mateus Bruxel / Agência RBS

Fonte: Dados da pesquisa.

Considerações finais: Refletindo sobre espaços

Muitos foram os pontos observados ao longo do caminho traçado entre as fotografias selecionadas. Foram possibilitados diversos diálogos e percepções acerca da importância e da vivência do espaço para o ser humano, com foco nas situações de crise, como a de uma pandemia e de distanciamento social. O fotojornalismo, com todas as implicações que lhe são inerentes, principalmente a retratação da realidade, serviu como fonte e base confiável para que as discussões se embasassem e pudessem ser realizadas.

O fotojornalismo é dotado de significados e possui complexidades intrínsecas em sua composição, pois ele tem ligações com o olhar analítico do fotógrafo sobre uma situação específica, com as técnicas do fotógrafo, além do tempo e do espaço. Uma foto é repleta de significações e de representações. Ela é um reflexo do olhar do fotógrafo sobre a realidade. E no caso de uma fotorreportagem, um conjunto de fotos falam entre si e são concatenadas para produzir sentidos. Na fotorreportagem “O impacto do coronavírus na rotina do RS”, que foi refletida neste estudo, a apresentação das transformações nas formas das pessoas se portarem, de se locomoverem e de ocuparem os espaços públicos, foi significativa para retratar as mudanças que o coronavírus imputou ao povo do Rio Grande do Sul.

Com a propagação do vírus, o isolamento social passou a ser uma medida emergencial e uma das únicas formas de conter a disseminação de um inimigo invisível que passou a rondar o mundo. Desta forma, a ocupação dos espaços públicos passou a ser transformada e a casa passou a ser um dos únicos lugares de estada para os indivíduos.

Muito falamos sobre a vivência e a manifestação da imagem da casa, que pode se dar tanto em nossa própria residência, quanto em espaços comuns onde vivenciamos o aconchego e a segurança, noções que carecemos tanto em um momento de abalo como o de uma pandemia. Ora, com o que foi observado ao longo da análise aqui apresentada, podemos perceber como a situação atual acaba por afetar os indivíduos não apenas em relação às modificações de rotina, problemas econômicos e atraso de prazos, mas que o isolamento social e o contexto pandêmico afetam a relação destes sujeitos com os espaços e, conseqüentemente, mexem também com as percepções simbólicas e imagéticas, abalando, assim, não só o material como mesmo o imaterial, e afetando o inconsciente coletivo.

Referências

AGOSTINETI, Kaíque. Fotorreportagem: a apropriação imagética da narrativa jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul, RS.

Anais eletrônicos [...]. Caxias do Sul: Intercom, 2010. p. 1-14. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1335-1.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2020.

ALVES, Rafael. Tudo sobre o coronavírus - Covid-19: da origem à chegada ao Brasil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 fev. 2020. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml. Acesso em: 8 abr. 2020.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL registra 1.301 mortes em 24 horas pelo novo coronavírus e passa de 105 mil; 5 estados têm alta de óbitos. **G1**, Rio de Janeiro, 3 ago. 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/13/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-13-de-agosto-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2020.

BRASIL registra 420 mortes por Covid em 24 horas e 64 mil casos conhecidos. **G1**, Rio de Janeiro, 6 fev. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/06/brasil-registra-420-mortes-por-covid-em-24-horas-e-64-mil-casos-conhecidos.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BRASIL registra média móvel de 97 mortes diárias por Covid. **G1**, Rio de Janeiro, 31 dez. 2021.

Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/31/brasil-registra-media-movel-de-97-mortes-diarias-por-covid.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

9). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 8 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é coronavírus?** (COVID-19). Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CAMARGO, Hertz Wendel. **Natureza em fotorreportagem na revista O Cruzeiro**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

CAMARGO, Hertz Wendel. Narrativas visuais na página: a fotografia e a diagramação dos sentidos. **Discursos Fotográficos**, Londrina. v. 4, n. 5, p. 37-58, 2008.

CASOS de coronavírus no Brasil em 9 de abril. **G1**, São Paulo, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/09/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-9-de-abril.ghtml>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CASSIRER, Ernst. **Uma introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CRONOLOGIA da expansão do novo coronavírus descoberto na China. **G1**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2020. Ciência e saúde. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/22/cronologia-da-expansao-do-novo-coronavirus-descoberto-na-china.ghtml>. Acesso em: 8 abr. 2020.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011

FOTORREPORTAGEM: o impacto do coronavírus na rotina do RS. **GZH**, Rio Grande do Sul, 18 mar. 2020. COVID-19. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/fotorreportagem-o-impacto-do-coronavirus-na-rotina-do-rs-ck7wi06ty05e501oac18jox51.html>. Acesso em: 7 fev. 2022.

GARCIA, Angelo Mazzuchelli. Fotonovela e fotorreportagem: a relação texto/imagem e a ideia de narratividade. **Blucher Arts Proceedings**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 252-274, 2014.

GAÚCHAZH registra picos de acessos três vezes maior que site de Zero Hora. **Coletiva.net**, Rio Grande do Sul, 25 set. 2017. Redação coletiva. Disponível em: <https://coletiva.net/online/gauchazh-registra-picos-de-acessos-tres-vezes-maior-que-site-de-zero-hora,229263.jhtml>. Acesso em: 8 de abril de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI, Giovana. OMS declara pandemia de novo coronavírus; mais de 118 mil casos foram registrados. **O Estado de São Paulo**, S.Paulo, São Paulo, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-declara-pandemia-de-novo-coronavirus-mais-de-118-mil-casos-foram-registrados,70003228725>. Acesso em: 8 abr. 2020.

HCOR – Hospital do Coração. **Hospital do Coração dá dicas de como se prevenir das doenças respiratórias que aparecem no inverno**. São Paulo: HCOR, 2021. Disponível em: <https://www.hcor.com.br/imprensa/noticias/doencas-respiratorias-de-inverno/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOPES, Nathan. Cinco países concentram 95% das mortes pelo novo coronavírus. **UOL**, São Paulo, 16 mar. 2020. Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/16/paises-mortes-coronavirus.htm>. Acesso em: 8 abr. 2020.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha informativa sobre COVID-19**. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 8 de abril de 2020.

PACHO, Lorena. A dilacerante situação de Bergamo, a cidade italiana que não tem como cremar seus mortos. **El País**, Roma, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-19/bergamo-nao-consegue-enterrar-seus-mortos-e-exercito-leva-corpos-para-cremacao-em-outras-cidades.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

SALLES, Amana. **Revista Life: fotoreportagem e as relações com a cinematografia**. 2018. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São, 2018.